



Revista Brasileira de Música e Mídia

Brazilian Journal of Music and Media Studies

ISSN 2675-3944

Música, Mídia, Canções e Memórias

Music, Media, Songs and Memories

Déa E. Bertran

Núcleo de Gênero PAGU/IFCH/UNICAMP

E-mail: deaerbertran@gmail.com

 C.V. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7434456739976895>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7945-2813>

Recebido em: 22/10/2023

Aprovado em: 25/11/2023

RESUMO

Neste artigo é rememorada minha trajetória profissional em meio a mais de duas décadas dedicadas tanto a produzir quanto a divulgar cultura, notadamente música popular brasileira, ou seja, associada ao uso de mídia em seus vários meios. Psicóloga clínica, com Mestrado e Doutorado em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, IP-USP, atualmente em meu 2º doutorado, desta feita em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, considero que o tempo vivido em meio à criatividade, talento, à alegria em propiciar momentos de emoção e divertimento para as pessoas durante os anos 1980 e 1990 – e muitos improvisos! – coloriu meu olhar e ampliou minha visão de mundo e de humanidade. Envolvida tanto com música como com mídia, pude participar das reuniões do MusiMid com muito contentamento, recheando com teorias as muitas vivências que havia tido – trago algumas delas, em forma de memórias do vivido e do que creio que vale a pena viver.

PALAVRAS-CHAVE:

Música; Mídia; Canções; Memórias.

ABSTRACT

This article recollects my professional career over more than two decades dedicated to both producing and disseminating culture, notably Brazilian popular music, that is, associated with the use of media in its various forms. Clinical psychologist, with a Master's and Doctorate in Clinical Psychology from the Institute of Psychology of the University of São Paulo, IP-USP, currently in my second doctorate, this time in Social Science, at the State University of Campinas, UNICAMP, considered that the time lived in the midst of creativity, talent, the joy in providing moments of emotion and fun for people, during the 1980s and 1990s – and lots of improvisations! – colored my vision and expanded my view of the world and humanity. Involved in both music and media, I was able to participate in MusiMid meetings with great satisfaction, filling with theories the many experiences I had had – I bring some of them, in the form of memories of what I experienced and what I believe is worth living.

KEYWORDS:

Music; Media; Songs; Memories.

Sampa, mundo que abre seus braços para quem vem de fora

Vinte anos do MusiMid! Comemoração afetiva, a minha, com a proposta de um texto em que direi das vivências que tive tanto com a música como com a mídia. E de como foi proveitoso e agradável participar das reuniões sob a batuta competente e amorosa de Heloísa de A. Duarte Valente, momentos nos quais pude preencher com teorias o que havia experienciado em fatos.

Ainda na graduação em Psicologia na Unisantos (Universidade Católica de Santos), aluna madura que fui (formei-me aos 47 anos), recebi o convite de uma professora, Zuleika Oliván, que, sabendo de minha vida pregressa profissional com shows e artistas, considerou ser interessante a minha participação em um grupo da pós – assim cheguei ao MusiMid (Centro de Estudos em Música e Mídia), em seu início, semente que floresceu com o passar dos anos.

Após algum tempo, foi-me difícil conciliar as exigências de cumprimento de disciplinas, já em Iniciação Científica, com a atividade da pós; fui me reencontrar com o MusiMid em um evento na USP, em que participei, para minha alegria, em uma mesa na categoria de “fundadora”. Com isso, o sentido do texto que agora escrevo, e pelo qual agradeço a oportunidade de visitar tantas passagens de minhas memórias sobre o período em que trabalhava com artistas.

Figura 1: Minha primeira viagem de avião, a segurar a caixa de discos que iriam ser vendidos. Ela me diz ao pé do ouvido: “Vai ter um dia em que você pensará – “Ai, que vontade de dar uma voadinha” – e aí lembrará de mim.” Fato.



Fonte: acervo pessoal da autora

Música e mídia – duas palavras muito presentes em minha vida – hoje acrescentaria a psicologia, psicanálise, feminismo e, ainda, diversidade sexual. Eis os universos pelos quais

flutuei, por vezes aterrissei, em outras me aventurei, vivências que compõem, hoje, a mulher de 63 anos que sou. Ainda em pleno voo! Estudante, em meu segundo Doutorado, Unicamp, desta feita em Ciências Sociais, após Mestrado e Doutorado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Desses anos, 24 deles foram dedicados à cultura, notadamente à música; principalmente, a popular brasileira, a MPB daqueles que, em sua maioria, têm algumas décadas de vida. Digo que comecei minha carreira profissional como assessora de imprensa e, posteriormente, produtora, diretora de produção e diretora de shows, e que pude fazê-lo com Elizeth Cardoso, a divina cantora e intérprete. Foi ao seu lado que, pela primeira vez, andei de avião – era 1985 e embarcávamos em turnê para o Sul; depois prosseguiríamos pelos Centro-Oeste, inseridos no Projeto Pixinguinha.

Inícios são bons para serem considerados – vinda de família de classe média, sem sobrenome de destaque, nascida em Santos, mas tentando a vida em São Paulo, primeiro como estudante de graduação em Psicologia, curso abandonado ao final do primeiro ano por falta de recursos financeiros – como havia chegado até Elizeth? E aí entra a mídia...

Cheguei em Sampa com um violão embaixo do braço e algumas composições apresentadas amadoramente em poucos festivais. Tinha 18 anos. Em minha bagagem também constava ter integrado a Academia Santista Juvenil de Letras, iniciativa interessante de produção de literatura que obteve destaque na cidade – até havia tido meus poemas publicados (Fernandes 1978). Escrevi para um grupo feminista e comecei a participar de suas reuniões, até que me envolvi na idealização de um projeto que aglutinava mulheres artistas, ideia primeira de Joyce Cavalcante, escritora. Encantei-me com a proposta e a levei adiante, ao final transformando-a em uma semana com atividades artísticas em um só local, com *workshops* e laboratórios vivenciais, performances variadas, de exposição a concertos eruditos, denominada “Espaço/Arte: Mulher”.

Essa é uma marca dolorosa que trazia: trabalhei oito meses até a finalização da ideia, tendo recebido muita ajuda. Com Bete Feijó, por exemplo, então sócia-proprietária de uma escola de fotografia de muito sucesso, a Imagem-Ação, foram muitas as longas tardes a compor com letra *set* os convites (tempos sem computador...).

A partir daí, montei as equipes e comecei a conversar e convidar artistas no que hoje, em pesquisa, é chamado “bola de neve”, em que uma pessoa indica outra e assim sucessivamente – música popular, erudita, artes plásticas, fotografia, dança, teatro,

Sobrenome, Nome. Ano. "Título do Artigo." *Revista Brasileira de Estudos em Música e Mídia* Volume, no. Número da publicação (Mês ou estação se houver): Extensão de páginas do artigo. Fonte Georgia, tamanho 9, itálico, alinhado à esquerda. OBS: O preenchimento deste campo ficará a cargo da equipe editorial.

cinema... Fiz coquetel no Espaço Pirandello com leilão de obras doadas para arrecadar fundos para o início da produção, badalado restaurante com frequência de muitos artistas e intelectuais; consegui o espaço de sete mil metros da Bienal de São Paulo, durante sete dias; até mesmo iniciei contato com empresas potencialmente patrocinadoras. E ouvi da Johnson & Johnson que nunca poderia estar associada a mulheres artistas...

Figura 2 - Matéria publicada no *Jornal da Tarde* em 31/07/1980 sobre o evento "Espaço/Arte: Mulher", cancelado por falta de apoio, mas "reaproveitado" após dois anos por Ruth Escobar.

Espaço/Arte: Mulher
Jornal da Tarde - 31 jul 1980

"O projeto Espaço/Arte: Mulher vem sendo desenvolvido desde o começo do ano por um grupo de mulheres, lideradas por Déa Munhoz."

24 — JORNAL DA TARDE

As mulheres, reunindo suas artes. Para um balanço.

A exposição vai usar o mesmo cenário da Bienal, no Ibirapuera. Mas, apresentando artes plásticas, cinema, fotografia, poesia, ficção, música e teatro, terá duas grandes novidades. Primeiro porque todas essas obras serão criadas exclusivamente por mulheres. E depois porque a plateia terá muito mais o que fazer além de desempenhar a mera função contemplativa determinada por outras exposições.

O projeto Espaço/Arte: Mulher vem sendo desenvolvido desde o começo do ano por um grupo de mulheres, lideradas por Déa Munhoz. E invertendo a rotina dessas promoções, onde a estrutura é sempre acertada antes, elas decidiram que primeiro seria mais importante conquistar mais adeptas, ampliar o círculo para que todas juntas estabelecessem os regulamentos e prioridades. Esta semana, após mais uma reunião, o grupo anunciou seus planos e toda a estrutura da promoção.

De 7 a 14 de setembro, das 9 às 22h, sete mil metros da Fundação Bienal (no Ibirapuera) estarão abrigando painéis e painéis, artistas e pessoas interessadas em apreciar e demonstrar suas próprias habilidades artísticas. Para figurar como participante com trabalho exposto basta entregar os trabalhos — amanhã até 15 de agosto — junto com uma ficha técnica e o currículo para "Espaço/Arte: Mulher", Caixa Postal, 7832, São Paulo, SP.

DIVISÃO DE ITENS

Para evitar possíveis mal-entendidos, as coordenadoras dessa feira elaboraram uma lista de regulamentos dividindo os itens por



Madalena Schwartz: fotografia.
Leilah Assunção: teatro.
Irene Portela: música.

uma mostragem do que está sendo realizado no momento a fim de possibilitar um questionamento sobre a atividade e formar grupos de debate inclusive a nível popular. Fotografia, coordenado por Bete Feljó, promete bons trabalhos e garante participações conhecidas como Nair Benedicto, (com fotos de jornalismo sobre a greve dos metalúrgicos no ABC), Ameris Paulini, (com trabalhos que se concentram no espaço visual e na foto plástica), Dulce Soares, Ló Cobra, Vera Albuquerque (do Maranhão, com um trabalho exposto na Trienal de Fotografia sobre a Rua do Trapiche), Cristina Villares (com fotojornalismo) ou a famosa Madalena Schwartz (retratos). Para participar, é preciso observar as seguintes normas: 1) Ampliações em branco e preto ou cor (não serão aceitos trabalhos em transparência, diapositivos ou slides). 2) Um mínimo de qualidade técnica, homogeneidade no conjunto, unidade de espaço máximo de 1,80m de altura por 2,20m ou 4 metros de largura. Não há, dentro desse espaço, limites para o número ou dimensão de cada foto. 3) Seleção por um júri formado por cinco membros indicados pela coordenação da área. 4) Montagem — os trabalhos deverão estar prontos para serem expostos, acompanhados de um esquema que oriente a disposição das fotos dentro do espaço destinado.

VERSOS DA GAVETA

Poesia, sob a coordenação de Renata Falotini, é um setor que prevê maior participação popular "já que quase toda mulher faz versinhos que guarda no fundo da gaveta", diz ela. Por isso, além dos livros ou publicações congêneres recebidas, cartazes ou posters de poesia, impressos ou não, de qualquer gênero e quaisquer materiais em número limite de três por autora, e ainda arte postal que se enquadre no gênero, a coordenação ainda receberá poemas publicados em jornais, revistas, ou antologias.

Ficção coordenada por Joyce Cavalcanti, formará uma mostra um pouco mais estática com uma exposição de livros. Para as autoras com obras já editadas, pede-se o envio de, no mínimo, um exemplar de cada trabalho publicado, não importando a edição e ano de publicação. Para as autoras inéditas, pede-se o envio de no máximo três trabalhos por autora, em cópias datilografadas, não devendo cada texto ultrapassar uma folha ofício. Os trabalhos enviados não serão devolvidos, a não ser em casos especiais de edições esgotadas e raras e, para tanto, pede-se um esclarecimento da autora.

Música, coordenado por Marilene Costa, prevê quatro exigências e inúmeros espetáculos. 1) Para evitar possíveis usurpações de

Quinto-feira, 31-7-80 — O ESTADO DE S. PAULO

letra e/ou melodia das músicas enviadas, pede-se que as mesmas, tenham passado pela ação da Censura Federal ou tenham sido registradas na OMB. 2) Serão aceitas somente cinco composições musicais inéditas ou não por participante. 3) As músicas deverão ser enviadas em fita K7, observando-se aqui um mínimo de nível técnico quanto à gravação. 4) No caso de apresentação ao vivo, deverá haver solicitação escrita da artista, junto com a fita, onde conste todas as necessidades técnicas para tal. "A partir de contatos já feitos com cantoras e instrumentistas, vamos dividir a apresentação em tempo para cada autora. Entre as participações já confirmadas estão Alaide Costa, Eliane Estêvão, Irene Portela, Beth Sá e Leicy Brandão", diz Marilene Costa.

NOVOS PÚBLICOS

Teatro é coordenado por Tereta Aguiar. Dança por Ruth Rachou e os regulamentos para os dois setores são os mesmos. 1) A coordenação convida pessoas que julgar representativas para constituírem os espetáculos básicos da mostra. 2) O espaço será aberto às inscrições de grupos femininos que quiserem participar, estando os mesmos sujeitos a uma seleção prévia pela coordenação da área. 3) Fica estabelecido que as coordenadoras se isentam dos possíveis gastos com a produção dos espetáculos. Quatro peças inéditas, com duração de 20 minutos a uma hora, todas versando sobre problemáticas femininas: essa é a previsão de Teresa Aguiar para o teatro, com "Melodrama", de Renata Falotini, "Leite Derramado", de Consuelo de Castro; "Belo na Boca", de Leilah Assunção; e "Cemitério sem Cruzes", de Maria Adelalde.

Além de alinhar diversos eventos no mesmo local e tempo as coordenadoras de Espaço/Arte: Mulher pretendem desmistificar a figura do artista junto ao grande público e tentar não atingir apenas os mesmos frequentadores de sempre. Para isso, elas recorrerão a todo tipo de divulgação, principalmente o rádio "para atrair a mulher da classe média", diz Déa Munhoz. Ainda dentro dos objetivos da feira, elas apontam a importância de se reunir e avaliar toda uma produção cultural feminina do País.

Fonte: acervo pessoal da autora.

Não consegui apoio financeiro, as equipes paradas sem dinheiro para produção, atrizes a querer ensaiar as peças propostas, pintoras começando a enviar seus trabalhos. Em um gesto de desespero, procurei ajuda em Ruth Escobar, artista e atriz feminista tida como

57

pessoa empreendedora. Ela costumava fazer almoços com mulheres influentes em sua casa no Pacaembu, e lá me fui a dizer de meu evento, acompanhada de Joyce Cavalcante, experiente em publicidade, também sem ter tido sorte em busca de patrocínio.

O interessante é que já se tinha material de imprensa, pois eu contava com mulheres reconhecidas: a articuladora de cinema era Regina Gérard, a de dança, Ruth Rachou; música, Alaíde Costa; poesia, Renata Pallottini. Eu havia passado quase o ano todo visitando essas pessoas e as estimulando a participar do que eu considerava como um grande e expressivo evento. Detalhe: não havia lucro ou a possibilidade de tê-lo – com 19 anos, nem pensava nisso, embora vivesse precariamente, sobrevivendo em trabalhos como recepcionista e afins.

Ruth Escobar não me tratou bem, aliás, até me desconsiderou, nada *sister* como feminista. Após minha fala sobre o projeto, levantou-se e disse que isso era irrelevante para a mulher. Cheguei a voltar lá, novamente passando o chapéu, mas nada consegui, somente a simpatia de Leilah Assumpção, que se compadeceu de minha inexperiência juvenil e me foi acolhedora. Estávamos em 1980.

Interessante: em 1982 Ruth Escobar realizou o “Mulheres nas Artes”, cópia de meu “Espaço/Arte: Mulher”! Se os tempos fossem os de hoje... Mas nessa época não havia internet, nem filmagens, nem cancelamentos. Como se não existissem os assédios em suas muitas faces...

Mudança de rota, cena, horizonte

Porém, de todo esse imbróglio, o resultado foi que conheci muitas mulheres artistas e intelectuais, que passaram a compor meu grupo de amigas – uma delas, Mirian Paglia Costa, pessoa querida de toda minha vida, editora de cultura da revista *Visão*, concorrente direta da *Veja*, ambas semanais. É ela quem recupera essa história quando faz a apresentação de meu segundo livro; lava meu coração e a mágoa que tive por me ver roubada em tanto trabalho e esforço.

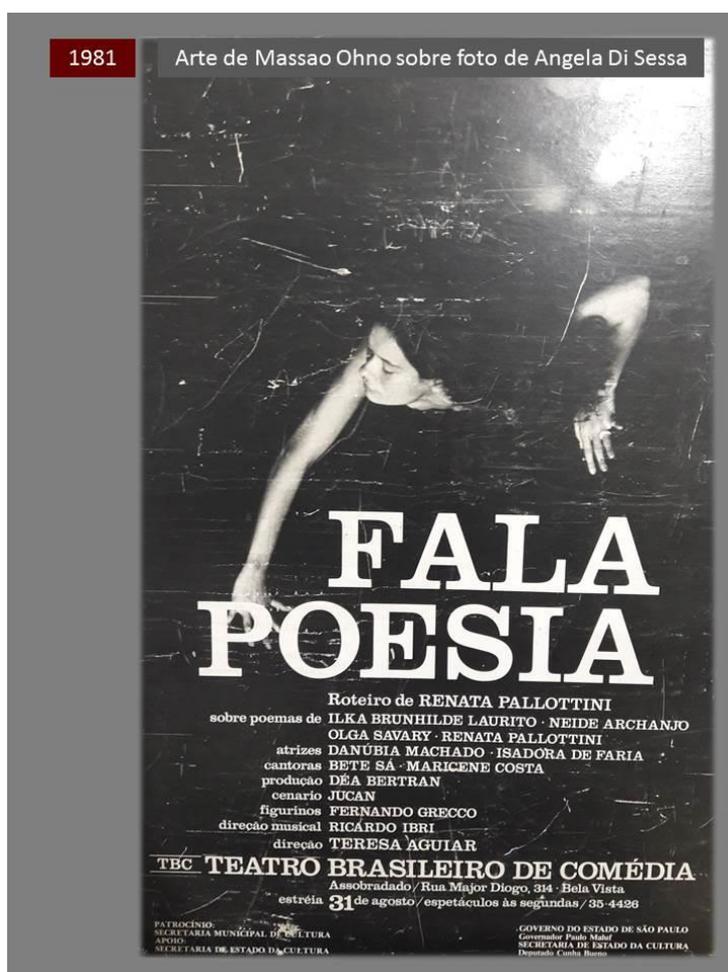
Eu era chefe da editoria de Cultura da saudosa revista *Visão* e sabia: iniciativas de tamanho porte extrapolavam os poderes de realização da garota falante e sorridente à minha frente. Mas ela conseguiu incendiar a imaginação de outras pessoas – além da minha. Resultado: o grande Festival Nacional das Mulheres nas Artes, de 1982, que movimentou São Paulo durante dez dias com teatro, cinema, artes plásticas, lançamentos de livros, varal de poesia e, claro, um grande Festival de Música Popular. Nos

Sobrenome, Nome. Ano. “Título do Artigo.” *Revista Brasileira de Estudos em Música e Mídia* Volume, no. Número da publicação (Mês ou estação se houver): Extensão de páginas do artigo. Fonte Georgia, tamanho 9, itálico, alinhado à esquerda. OBS: O preenchimento deste campo ficará a cargo da equipe editorial.

bastidores, incansável, uma trabalhadora voluntária, anônima, atuava para fazer brilhar a arte e as artistas participantes. Era Déa (Costa 2007, 20).

Já com Olga Savary, linda poeta e pessoa de generosidade ímpar, comecei a musicar seus poemas. Cheia de energia e gostando muito das composições, sugeri montarmos um espetáculo – e assim nasceu *Fala Poesia*, com texto de Renata Pallottini e direção de Teresa Aguiar, com minha estreia como produtora, divulgadora e compositora em parceria com Savary, Neide Archanjo e Ilka Brunhilde Laurito, em temporada no lendário TBC – Teatro Brasileiro de Comédia. A parte musical contava com Filó, minhas músicas tinham arranjos do Ricardo Ibri, com as cantoras Beth Sá e Maricenne Costa e as atrizes Danúbia Machado e Isadora de Faria.

Figura 3 - Pôster do espetáculo *Fala Poesia*, realizado no TBC, Teatro Brasileiro de Comédia, 1981.



Fonte: Acervo pessoal da autora

E é Mirian quem me indica como assessora de imprensa a Michel Domingos, produtor já falecido, querendo trazer o show de Elizeth Cardoso e Ataulfo Alves Jr., *Leva meu samba*, produção sofisticada com coral de “pastoras”, como eram chamadas as cantoras de Ataulfo Alves, direção de Tulio Feliciano, para uma temporada longa em São Paulo:

Eu cumpria pena, quase, a trabalhar na então CMTC, Companhia Municipal de Transportes Coletivos, no departamento pessoal; como era exímia datilógrafa, ficava o dia todo preenchendo tabelas de salários, atividade repetitiva e sem pingo de criatividade. Com 23 anos, precisava pagar meu aluguel! Foi lá que recebo o telefonema – “Boa tarde, a Mirian Paglia recomendou seu nome para ser assessora de imprensa em um espetáculo que irei produzir em São Paulo, no Sesc Pompéia, vamos conversar?” Gargalhei internamente de tanto contentamento!

Disse-me Mirian, tempos depois, que havia observado o jeito com que eu havia trabalhado na produção inglória de “Espaço/Arte: Mulher”, viu em mim um talento para a função. Graças!

Assim conheci Michel Domingos, com seu bigode marcante e sua risada absolutamente adorável. A simpatia foi recíproca, tácita, rápida, conversamos com tanto prazer! Ele me contou de sua vinda recente de Paris e de seu projeto, o de produzir shows. Saí do encontro contratada.

Dia seguinte faltei ao trabalho e fui à biblioteca da ECA/USP (Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo) para conhecer algo sobre a cantora tida como “divina”. Estudava Editoração por lá, nem sabia como havia passado no vestibular, tudo feito em cima da hora, sem nenhum planejamento, o que teve como consequência eu cancelar minha matrícula ainda no 2º ano, pois não conseguia conciliar estudo e sobrevivência. Digressão: por anos me considerei uma intelectual com 2º grau, pois já havia desistido de Psicologia e, nesse momento, de Comunicação.

E foi assim que, produtor delicado, Michel pagou passagem de ônibus e diárias para que eu fosse ao Rio para ser apresentada à “Divina”, hospedada em casa de Savary, amiga que deixou saudades.

Confesso que não conhecia o cancionário de Elizeth... Sempre tive com a música relação muito especial, comprei um disco de Sarah Vaughan quando com 10 anos, de uma tristeza!... Ganhei meu primeiro violão aos 9 anos; aos 11 já compunha minhas musiquinhas... Com 12 anos pedi de presente de aniversário aos meus pais assistir Vinicius e Toquinho. Era a inauguração de uma nova casa de shows santista, chamada *Iporanga*, eu morava bem próximo, e lá me fui, sozinha; lembro exatamente de como me senti ao chegar, encontrar meu lugar e me sentar – meus aplausos foram frenéticos. Também conhecia os sambas-canções de Nora Ney; minha irmã, Denise, por essa mesma época, havia ganhado de uma amiga uma fita K-7 com “Ninguém me ama, ninguém me quer, ninguém me chama

de meu amor” (*Ninguém me ama*, de Antônio Maria), “De noite eu rondo a cidade a te procurar, sem encontrar” (*Ronda*, de Paulo Vanzolini), “Bar, tristonho sindicato, de sócios da mesma dor; bar, que é o refúgio barato dos fracassados do amor” (*Bar da noite*, de Bidu Reis e Haroldo Barbosa), voz gravíssima que cruzava meu corpo e causava rebuliços em meu coração com tristes sentimentos somente pressentidos. Mas nada sabia sobre Elizeth.

Em um dos livros que havia lido, do crítico Tárík de Souza, não me recordo o título, descobri que ela tinha uma amiga-irmã, Lurdes, que fazia uma limonada suíça muito gostosa. Detalhe: eu nem sabia o que ser “suíça” poderia conferir à limonada. Pois bem, quando Lurdes abre a porta do apartamento de Elizeth, já a identifico como a que faz “a melhor limonada suíça, sua fama chegou até mim”, ganho seu sorriso e, de pronto, o que havia atiçado minha curiosidade – “Afinal, como é essa limonada suíça?”, perguntei-lhe, e soube que o gosto especial era dado por se bater a casca do limão junto ao seu líquido.

Dei-me muito bem com ambas, havia lido muita coisa sobre a trajetória de Elizeth, ouvido suas músicas, foi um excelente contato, eu estava com um entusiasmo! Imagine, da Praça da Árvore, local da maçante CMTC, para o mundo dos espetáculos do Rio de Janeiro! Eu era pura exultação! Combinei de ir ao show à noite, então em temporada no Teatro Dulcina, e foi lá que meu jovem coração se viu, pela primeira vez, tomado pelo carisma dessa magnífica cantora.

Novata no Rio, dependendo de transporte público, atrasei-me e, ao chegar ao teatro, lotado, só me coube um cantinho nos degraus, onde me encostei e me deixei levar por aquela voz forte e doce. Elizeth cantava uma valsa lenta, amorosa, enlevo de paixão em palavras idílicas à amante, sob uma luz linda azulada – “Em você, tudo é encantamento; em você, tudo é deslumbramento” (*A você*, de Ataulfo Alves e Aldo Cabral). E eu me senti paralisada por sua presença, timbre, dramaticidade. Percebi-me emocionada: quem eu via e ouvia ali, com tanta majestade, não era a pessoa simples, carinhosa e divertida com quem eu havia estado no começo da tarde.

Não lembro ao certo como me arranjei, mas sei que durante boas semanas saía do trabalho às 17 horas e ficava com Michel até noite alta discutindo cada palavra escrita no *press-release*, escolhendo as fotos de divulgação, ou simplesmente falando sobre MPB. Quase perto da estreia, e bem além de minha função de divulgadora, varávamos madrugadas acompanhando a distribuição de cartazes e panfletos, a colagem dos então lambe-lambes (divulgação de rua colada em muros), selecionando esquinas e ruas para as muitas faixas chamando ao show. Após pouco tempo, fui sumariamente demitida da CMTC, como seria de se esperar.

Elizeth chegou duas semanas antes da estreia, a fim de fazermos divulgação – eu vesti a camisa, trabalhava doze, quatorze horas por dia, segunda a segunda.

Vivi momentos memoráveis, como quando ela, disfarçada e escondida de Michel e Lurdes, pediu-me para conhecer o metrô, e passeamos a valer pelo centro velho de Sampa, Elizeth deliciada, com touca, echarpe e óculos escuros para não ser identificada. Ao voltarmos, levamos bronca. Época sem celular, havíamos literalmente desaparecido por mais de duas horas, deixamos os dois em polvorosa. Ela me olhava, cúmplice, e ria. Cena que, ao fechar os olhos, revejo com um sorriso.

Palco, luzes e ação do sonho na realidade

Televisão, rádio, revista, jornal, não houve veículo que não noticiasse Elizeth e Ataulfo Alves Jr. À época não havia a tal da “exclusividade”, então chegou um momento no qual as pessoas amigas reclamavam do tanto que notícias sobre o show aparecia em tudo o que era lugar. Detalhe: todos os telejornais tinham espaço para cultura e variedades, havia a obrigatória passagem de som – certo, a Globo sempre exigiu prioridade e quase nunca concordava em ter suas imagens compartilhadas com as outras emissoras, diga-se de passagem. Mas era movimento sutil.

O show era realmente um espetáculo! Bonito, emocionante, alegre, interessante ao revelar músicas pertinentes ao tempo em que foram escritas, porém, ainda assim, capazes de provocar aplausos entusiasmados.

Algo raro em crítica: tive destacada a qualidade de meu texto no *press-release* que escrevi:

Sobrenome, Nome. Ano. "Título do Artigo." *Revista Brasileira de Estudos em Música e Mídia* Volume, no. Número da publicação (Mês ou estação se houver): Extensão de páginas do artigo. Fonte Georgia, tamanho 9, itálico, alinhado à esquerda. OBS: O preenchimento deste campo ficará a cargo da equipe editorial.

Figura 4 - Crítica do jornalista Armando Aflalo sobre o show *Leva meu samba*, com Elizeth Cardoso e Aaulfo Alves Jr., realizado no Sesc Pompéia em 1984.

20 — JORNAL DA TARDE
Quarta-feira, 22-8-84

CRÍTICA
É a divina Elizeth comandando o show que homenageia Aaulfo Alves no 15º ano da sua morte. Inesquecível!



Uma aula, uma festa, uma delícia...

São Paulo viveu e está vivendo, nestas duas últimas semanas, um raro momento, no que se refere à música e showbiz, com a presença simultânea de duas das maiores mestras do vocal brasileiro e de jazz, a divina Elizeth Cardoso e a fabulosa Anita O'Day, a grande dama da canção popular brasileira e a grande dama branca do jazz.

Jovem, bonita, fascinante e empolgante, com seu porte majestoso, e mais faceira, maliciosa, emocionante e ágil como emérita passista, nos seus inacreditáveis 64 anos — aliás, praticamente a mesma idade da não menos incrível Anita O'Day, a enluarada Elizeth é um sopro de vida, beleza e arte a perpassar pelo deserto acabrunhador da nossa música popular, tão judiada, e a comandar um espetáculo inesquecível. É mais uma demonstração da força e riqueza da nossa música e de que, apesar da ação deteriorante da maioria dos nossos produtores e criadores de falsas e medíocres expressões artísticas, nós ainda temos verdadeiros talentos em todas as áreas do showbiz.

Como o cantor Aaulfo Alves Jr., digno herdeiro do inspirador e razão de ser desse maravilhoso show, *Leva Meu Samba*, o inesquecível Aaulfo Alves; como esse grande diretor, Túlio Feliciano, que já nos brindou, entre outras obras marcantes, como *Mario Trezentos*, *350*, *Uma Rosa para Pixinguinha* e outros espetáculos de exaltação e resgate de nossa melhor e mais autêntica tradição musical; como esse jovem e talentoso Maurício Carrilho, grande violonista e notável arranjador e diretor musical, legítimo continuador da obra de um dos nossos maiores flautistas, seu tio Altamiro Carrilho; e como seus magníficos companheiros, que fazem de *Leva Meu Samba* um show sem pontos fracos ou gratuitos — Henrique Cazes, cavaquinho, José Carlos Pite, piano, Bolão, bateria, Beto Cazes, percussão e vocal, as pastoras Francinete e Branca e essa figura incrível e bem brasileira que é o trombonista "seu" Alberto.

Tudo isso e mais cerca de trinta canções escolhidas e distribuídas, ou melhor, entrelaçadas com perfeição, timing e iluminação de raras simplicidade e criatividade, marcas registradas de Túlio Feliciano, nos proporcionam um retrato emocionante e alegre, o espelho mais fiel da obra desse compositor único da nossa música popular, um dos mais inspirados melodistas e poeta de mais ricas e belas imagens que o Brasil já produziu. "O mais elegante porta-voz do morro no País", como ressalta o exemplar texto de divulgação do espetáculo, que infelizmente não foi transformado em programa, que muito contribuiria para elucidar o público sobre o magnífico espetáculo, seus brilhantes realizadores e, principalmente, seu genial inspirador, nesta merecida homenagem — lembrança dos quinze anos de ausência do poeta-sambista.

Uma visão envolvente e completa da obra e da filosofia de Aaulfo, *Leva Meu Samba*, que infelizmente só ficará até domingo no teatro do Sesc-Fábrica Pompéia, abre com um apanhado de grandes momentos da vida de Aaulfo, em slides, com parte de um seu depoimento em "off", e depois divide-se exemplarmente, sem didatismo ostensivo, em blocos musicais que ilustram a movimentada vida do sambista. Tudo vai num crescendo que culmina com o final apoteótico, com a platéia a exigir bis, que pode ser até o carro-chefe de Elizeth, seu antológico "Barracão", que não é de Aaulfo, mas não destoa nem conflita com os demais ingredientes desta verdadeira aula-festa de samba, plena de bom gosto, humor, beleza, sensibilidade e alegria contagiante, em que despontam obras-primas como "Meus Tempos de Criança", "Na Cadência do Samba", "Saudade Dela", "Se a Saudade Me Apertar", "Mulata Assanhada", "A Você", "Laranja Madura", "Sei Que é Covardia", "Pois é", "Ai, Que Saudades da América", "Leva Meu Samba" e "Atire a Primeira Pedra".

Armando Aflalo

Fonte: acervo pessoal da autora.

Porém, Michel Domingos não considerou que o clima paulistano, por vezes, podia ser traiçoeiro. Naqueles meses de julho e agosto e durante todos os dias da longa temporada no estiloso palco do Sesc Pompéia, projetado em aberto para plateias em duas frentes, com a disponibilidade de cerca de mil lugares, o frio foi mortal. O arrojado teatro desenhado por Lina Bo Bardi é basicamente de concreto; suas poltronas de madeira são estruturadas, duras, quase desconfortáveis, a depender do corpo que as ocupa (nos dias de hoje, minha coluna grita!); o acesso ao ambiente se dá por lindo caminho de paralelepípedos, escorregadios quando molhados – e o público de Elizeth era majoritariamente constituído de pessoas de meia-idade, muitas delas concentradas em uma classe social que não era frequentadora das unidades populares do Sesc...

Conclusão: não foi um sucesso. Mas foi por meio disso que eu aprendi uma das grandes lições de minha vida. Em certa noite, havia chegado a hora da apresentação. Na plateia, aqui e ali, não se somavam dez pessoas. Vazio imenso! No camarim, triste, eu lhe disse sobre a situação e lhe perguntei se ela queria que cancelasse o show. Elizeth parou, virou-se para mim e me disse: “Déa, são poucas, mas essas pessoas se arrumaram para me ver; vieram até aqui, pagaram o ingresso – eu canto”. E ela fez um espetáculo magnífico, como se a plateia estivesse absolutamente lotada!

Aquelas coisas de experiências: com Elza Soares tive vivência oposta. Nem cheguei a conhecê-la, pois seu show de um único dia no bar *Vou Vivendo*, lugar em que trabalhei como divulgadora por quase dez anos, desde sua inauguração com os irmãos Garfunkel, Celso Brunetti e Celso Viáfara, ela mesma fez questão de cancelar. Ligava de dez em dez minutos: “Quantas pessoas?” Eu: “Vinte”. “Não vou”. Chegou-se, não me lembro bem, a umas quarenta pessoas – e ela não saiu de seu hotel, ou seja, evento cancelado. Vim a admirar a sua figura, importante para os movimentos de negros, de mulheres e para a música brasileira como um todo; porém ficou na memória a expressão de frustração nos semblantes das pessoas.

Mas voltemos à Divina: logo mais pude acompanhá-la no Pixinguinha, ah, tempos de projetos culturais e populares!... O Projeto Pixinguinha era iniciativa da Funarte/RJ, com uma estrutura realmente especial: eram convocados cantores e músicos, juntamente com um diretor e seu assistente, para criar uma apresentação. Enquanto isso, algumas cidades realizavam festivais cuja premiação era a presença em um show do projeto. No mesmo

período, a Funarte comandava pesquisa para escolher um artista que pudesse fazer a abertura do artista principal. 3 em 1.

Exemplifico: Elizeth Cardoso era acompanhada pela Camerata Carioca, músicos que realizavam um exímio trabalho instrumental de música brasileira – Joel do Bandolim, Maurício Carrilho e Henrique Cazes integravam o grupo, que por sua vez era precedido por Roberto Correa, com lindo sons de violas. Ainda jovem, hoje tem talento reconhecido e prestigiado; antes dele, porém, em Florianópolis, ouvimos a quente e grave voz de Elena Cavalcanti, cantora da região. O que era melhor: no horário das 18h30, com ingressos a preços populares. Era realmente uma festa!

Minha função era a do que chamávamos, informalmente, de “direção de viagem”, pois o projeto se iniciava no Circo Voador, Rio de Janeiro, sob a batuta de um diretor experiente – no caso de Elizeth, Tulio Feliciano, mago dos palcos de então – mas, a partir daí, o assistente de diretor tinha a tarefa de realizar o show nos espaços contratados; cumpríamos temporada em várias cidades de estados variados. Formalmente eu recebia o título de assistente de direção, categoria que tive reconhecida pelo Sindicato dos Artistas e Técnicos do espetáculo, à época, exigência necessária para a função.

Tudo era muito bom – o cachê não era alto, mas recebíamos diárias que, economizadas, geravam acréscimos financeiros interessantes. Além disso, normalmente ficávamos hospedados em hotéis de muita qualidade – como eu era a segunda na hierarquia, somente atrás do artista principal, sempre fiquei sozinha e em bons quartos. Em muitas cidades éramos recebidos com agrados, como quando em Cuiabá uma fábrica de cerveja nos convidou a visitá-la, foi-nos oferecido um excelente almoço e ainda recebemos brindes – um deles, uma toalha de praia com o logotipo da cerveja, fez muito sucesso em meu verão. Para completar, a alegria de poder trabalhar em teatros que me traziam muita emoção – como o Castro Alves, Salvador, com quem estive com Leny Andrade, precedida por duo supimpa composto pelos sonoros violões de João de Aquino e Maurício Carrilho, com banda tendo o piano maravilhoso de Filó –; levar cultura, entretenimento e propiciar vivências especiais às pessoas, vê-las sorrir ao final do espetáculo, sentir-me arrepiar ao ouvir artistas brilhantes e de grande talento, além de viajar por esse Brasil afora, tudo era estonteante para meus vinte anos.

Elizeth, carisma divinamente em exercício

Foram semanas de convívio diário, de muitas risadas, Elizeth era ótima piadista! Por vezes, durante as horas e horas que passávamos juntas, eu lhe pedia para cantar alguma coisa e ela me dizia, “Não, não quero”. Depois de poucos minutos eu começava a assobiar uma melodia que sabia que ela gostava – sem perceber ela começava a cantar, até que dizia, “Danada, você! Me fez cantar!”. Dávamos risadas.

A partir daí e por volta de uns cinco anos, pude conviver com as duas, Elizeth e Lurdes, de forma constante, pelo menos ao telefone. Elizeth era uma artista e pessoa simples, simpática, engraçada, e era Lourdes quem organizava seu cotidiano, sua casa, sempre junto em todos os seus compromissos, a arrumar seus figurinos. Quando chegavam em alguma cidade, Elizeth ficava em seu quarto no hotel; por vezes se hospedava em casa de amigos. Era Lurdes quem saía à cidade, comprava as coisas necessárias, ficava sabendo das novidades e as contava para Elizeth. Mais que irmã, Lurdes era uma fã que, após um show em sua cidade de origem, Recife, criou coragem e foi falar com Elizeth – após certo tempo, foi para o Rio e passou a ser pessoa de sua confiança absoluta. Como nos demos bem, Lurdes e eu! Ríamos muito! Ela sempre com seu cigarrinho e um jeito jocoso de ser, geminiana curiosa e esperta, conheceu o mundo todo em seus mais de cinquenta anos de dedicação à estrela. Havia gostado particularmente do Japão, país em que Elizeth era rainha.

Se a apresentação era às 20h, Elizeth já estava no teatro lá pelas 16h... Gostava de ficar no camarim, passar o som, andar pelo palco... Ela mesma se maquiava e Lurdes a ajudava com as roupas e acessórios. Tratava seu trabalho como um santuário. Por vezes aconteciam momentos de puro encantamento, como quando cantarolou *Speak low a cappella*. Até hoje tenho essa imagem, Elizeth debruçada em um piano de cauda, cabeça baixa, com aquele grave tão intenso.

Eu era muito jovem, solta no mundo, e por vezes recebia seu telefonema para saber se estava me cuidando, comendo arroz e feijão (sempre fui fã de sanduíches, frituras...); quando ficaram por meses em Sampa no então Beco, casa de espetáculos que sempre apresentava um artista principal em meio a danças brasileiras e, então, a prata da casa, o número com sambistas, recolhiam todos as geleias que havia no café da manhã do hotel, colocavam em um saco plástico e me davam – “para o seu café da manhã”.

Dei-lhe apoio espontâneo nessa temporada, acompanhei-a em algumas entrevistas, fiquei muitas noites com elas no camarim. Passei a escrever cartas para Elizeth como se

fossem por elas redigidas – ela me dizia o que queria e eu colocava suas palavras no papel. Ela falava que nem precisava ler, era só copiar e assinar, o que ela fazia com sua letra grande e denotando falta de treino.

Figura 5 - No camarim do Beco, após seu show, com Elizeth Cardoso e Lurdes.



Fonte: acervo pessoal da autora

Com Elizeth, como assessora de imprensa, divulguei a comemoração de seus 50 anos de carreira, com apresentações no Canecão, Rio de Janeiro, e no Palladium, São Paulo, com grande repercussão na imprensa. Ela era encantadora, próxima, humana. E como defendia a quem queria bem! Atitude rara, virava leoa. Quando cantava, porém, sua transformação era tão singular, tão verdadeira; realmente se divinizava. Parecia que ficava grande, ampliada, denominada por Haroldo Costa, ator, escritor e sambista, de “Divina”; nada mais acertado.

Já à época ela se queixava de dor de estômago – chegou a cozinhar um peixe em casa de amigos durante a turnê do Pixinguinha, mas nem pôde experimentá-lo, sentia-se enjoada. Mais tarde se soube que já era o prenúncio do câncer de estômago que viria a levá-la de nosso convívio aos 69 anos, em 1990.

Mídia escrita, falada, televisionada: pacote completo!

Eu era uma assessora de imprensa total, cobria televisão, rádio e imprensa escrita – e por vezes o produto era desafiador, necessitando de muito empenho e argumentação. Normalmente o resultado era compensador, como quando com o disco *Balãozinho*, de Eduardo Gudin, pessoa querida e muito delicada, com composições de beleza ímpar. Eu era persistente ante alguma recusa, e assim o fiz com Antonio O’Lima, crítico do então *Jornal da Tarde*. Ante sua relutância, comentei faixa por faixa – foi tão bom ler seus comentários quando publicados! Algo raro: citou-me, considerando sua mudança de opinião sobre o trabalho. Mas eram tempos em que uma notícia permanecia por semanas em nosso imaginário – íamos atrás do disco, dizíamos que se furava o vinil de tanto que a vitrola repetia a música.

Figura 6 - Crítica de Antonio O’Lima sobre o disco *Balãozinho*, *Jornal da Tarde*.

JORNAL DA TARDE
Sexta-feira — 13-2-67

Um disco maduro (e gostoso) de Gudin

Das oito faixas de *Balãozinho*, cinco são instrumentais. Hermeto e Heraldo do Monte participam.

Compositor que não tem o que dizer deve gravar música sem letra. Essa lição primária, seguida à risca por Eduardo Gudin — seu mais recente eiepe, *Balãozinho*, tem apenas três das oito faixas cantadas em prosa e verso —, deveria ser regra para muitos outros criadores da MPB. Se eles agissem assim, poderiam dedicar mais tempo aos aspectos instrumentais de um disco, sem gastar energia e inspiração no trabalho inútil de tentar colorir frases e “achados” banais que jamais deixarão de ser desbotados. Gudin pareceu ser o mais racional possível quando quis expor suas emoções nesse disco. Até a new bossa “Bem-bom”, já gravada por Gal Costa, de letra nem tão desinteressante assim, e a densa balada-valsas “Cidade oculta”, trilha sonora de filme homônimo estrelado por Arrigo Barnabé, tiveram uma versão exclusivamente instrumental.

“Balãozinho”, “Férias” e “Verde”, as três músicas cantadas e com letra, só aparecem no disco porque contém um recado que precisa ser passado, seja pela novidade, pela dose de romantismo, seja pelo simples aviso. A primeira, uma autêntica canção jobiniana, homenageia num samba bossanova repleto de dissonantes bem ao estílo que o gênero exige, um dos nossos mestres.

Eliete Negreiros, bela voz, endossa o toque: “olhar no futuro e ver Jobim”. “Férias”, samba bem cadenciado, com Vânia Bastos, outra notável intérprete, relembra momentos amorosos em versos inteligentes: “malícia, carícia bem no lugar preciso/qualquer brincadeira linda que alguém pensou/ de noite na cama já fiz com meu amor”. E o samba-exaltação “Verde”, que ouviu sem muita atenção levou muitos a pensarem em nacionalismo gratuito e exacerbado. Mas não é nada disso. A esperança de Gudin, espectador e participante de velhos carnavais, é sobre um cara que acredita no riso no final, apesar das chuvas e trovoadas nem sempre naturais.

Arismar do Espírito Santo (contrabaixo), Roberto Sion (sopros), Edson Alves (sopros), Michel Freidenson (teclados) e o próprio Gudin nos violões, formam a base instrumental sobre a qual *Balãozinho* vai levantar. Ocasionalmente conta com a participação de Heraldo do Monte (guitarra e cavaquinho) e Hermeto Paschoal (teclados e arranjos). Não é preciso dizer que estes dois últimos contribuem com boas doses de genialidades. Hermeto, por exemplo, escreve as partituras de três choros destacando o desempenho coletivo dos instrumentistas. Não há realce individual. Procurando muito, o único defeito que a gente encontra nesse disco é a linearidade, característica própria do trabalho de Eduardo Gudin, compositor melodioso que, apesar da cara de menino, tem mais de 20 anos de carreira.

Dea Beltran, autora do texto do encarte do disco, quis saber minha impressão sobre esse trabalho do Gudin. Tendo ouvido apenas uma vez, disse que não tinha sido boa. Retiro o que disse. *Balãozinho* é um disco maduro. Precisa ser ouvido mais de uma vez e com atenção. Uma flauta bem colocada aqui, um oboé ali, um clarinete lá, guitarra em improvisos jazzísticos acolá e arranjos de generosas cordas compõem quadros eruditos e ao mesmo tempo populares. Curiosamente, trata-se de uma introspectiva viagem nostálgica de olho no futuro. Só nos resta torcer para que este futuro seja breve.

Antonio O’Lima

Fonte: acervo pessoal da autora.

Mas ser assessora de imprensa sem ter feito jornalismo sempre me foi desafiante – eu contava com o fato de que, em termos legais, não era solicitada a graduação. E me apoiava

no que me diferenciava: o fato de ter, um dia, tido a experiência de fazer poemas e compor músicas, de entendê-las por outros vieses diferentes dos atinentes somente ao consumo e entretenimento.

Fiz três projetos Pixinguinha: além de Elizeth Cardoso e Leny Andrade, a oportunidade de ouvir Emílio Santiago, estar próxima à sua simpatia – visitamos o Norte e o Nordeste, até Rio Branco, capital do Acre, ouviu sua voz e seu lindo cantar. Quem abria o seu show era a dupla Celia e Celma, cantoras com carreira longa, até hoje muitas ativas, com incursões em programas de televisão e livros em que contam suas histórias mineiras com receitas culinárias, muito vibrantes e de excelente comunicação com o público, com um repertório musical variado.

Anos depois, juntamente com minha querida amiga e parceira de trabalho Angela Dória produzimos um CD e turnê onde elas faziam homenagem a Ary Barroso, “Ary Mineiro”, direção da maga dos palcos, Myriam Muniz, com apresentações em Ubá, terra de Ary, Celia e Celma, além de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Ainda no Pixinguinha tínhamos o goiano Gustavo Veiga, em início de carreira, com composições sensíveis (e inesquecíveis em minha memória), com carreira, shows e CDs. Era uma oportunidade e tanto para o iniciante, conviver com público expressivo e numeroso, além de dividir o palco com artistas já experientes.

Figura 7 - Turnê do espetáculo *Ary Mineiro*, com Celia e Celma, lançamento de CD de igual título.

CELIA & CELMA apresentam

Ary Barroso
contado, cantado e encantado

Lançamento do CD com show dirigido por Myrian Muniz,

projeto **ARYMINEIRO**
Ary Barroso
contado, cantado e encantado
Lançamento do CD com show dirigido por Myrian Muniz,
palestra de Sérgio Cabral e exposição fotográfica

TURNÊ NACIONAL

18 de março — 20:00 Teatro Klaus Vianna Av. Afonso Pena, 4.001 Fone: (031) 229.4316 Belo Horizonte - BH	25 de março — 19:00 Café-Concerto Teatro Rival R. Álvaro Alvim, 33 Fone: (021) 240.4469 Rio de Janeiro - RJ
08 de abril — 21:00 SESC Pompéia R. Clélia, 93 Fone: (011) 871.7751 São Paulo - SP	12 de abril — 20:00 Ubatuba Tênis Clube R. Treze de Maio, 110 Fone: (032) 532.3467 Ubatuba - MG

1996

Direção de Produção, Administração
e Divulgação do Projeto Déa Bertran e Ângela Dória

Fonte: acervo pessoal da autora.

Nunca trabalhei com cantor tão exigente quanto Emílio Santiago: todos os shows eram gravados e obrigatoriamente ouvidos pelos músicos no dia seguinte em seus *walkmans* – “Olha aqui o que você fez, errou o acorde!”, assim dizia ele. Comigo sempre foi amoroso, ríamos muito, combinávamos de nos encontrar fora do hotel para sairmos para dançar pelas madrugadas do Centro-Oeste...

Trago dele uma memória doce: muitos anos depois, soube que ele se apresentaria em São Paulo. Liguei para Lais Pires, produtora e empresária que conheço de longa data, desde que fiz a assessoria de imprensa à cantora Celia, linda voz e presença marcante. Disse-lhe de minha vontade de revê-lo. Passaram dez minutos, recebo um telefonema e ouço sua voz grave, quase carícia: “Você está querendo ir ao meu show?”.

Convidei uma amiga, também psicóloga, Sônia Jubelini, e lá fomos nós. Primeira boa surpresa: os convites eram para o camarote. Após o espetáculo, fui ao camarim. Ele estava

recebendo cumprimentos de algumas pessoas, mas, assim que me viu, parou, abriu os braços e me reconheceu: “Déa *Black*, você aqui!”. Foi delicioso seu abraço e as palavras gostosas que me disse, algo raro no ambiente artístico de forma geral – o narcisismo, por vezes, impede o olhar ao outro.

A história do acréscimo “*Black*” ao meu nome se derivou de eu não me contentar em montar o show – gostava demais de operar luz! Tendo oportunidade, pedia ao técnico e ficava lá, manipulando as chaves que ligavam e desligavam os refletores.

Andar por esse Brasil é deparar-se com muitas situações inusitadas: ao mesmo tempo que contávamos com salas como a do Teatro Nacional, Brasília, já então com mesa computadorizada, cujos efeitos das luzes eram “montados” e articulados conjuntamente: bastava subir ou descer um mecanismo, houve situação em que colocaram a simplória mesinha de som, com teclas como as de luz, que faziam “tlec” assim que eram manipuladas, no fundo do palco, junto com a bateria. Passei o show todo absolutamente sem noção de qual luz eu estava usando! Ao contrário, em teatros grandes, a montagem de luz era complicada, exigiam escadas altas para “afinar” os refletores e, em muitos deles, adicionar as chamadas “gelatinas”, quadrados coloridos que permitiam sair da luz branca. Quando muito baratas, queimavam, soltando fumaça, uma desgraceira.

Em Rio Branco a apresentação de Emílio foi em um ginásio; a mesa de luz, precária, ficava no meio do público, eu tinha que ficar em pé. Eu tenho pele bem branca e cabelos claros - depois que ele apresentou a banda, olhou para mim e não teve dúvida: “Na luz, Déa *Black*” – e eu lá, quase translúcida! Foi muito divertido. Mas passei um perrengue: plateia bem jovem, os refrigerantes eram vendidos em sacos plásticos com canudinhos, creio que para evitar vidros quebrados. Na animação dos aplausos e assobios, Emílio fazendo todo mundo cair no samba, alguns me atiraram a tal bebida doce nas costas; não me machucou, porém me deixou açucarada e, claro, incomodada. Valeu-me meu bom-humor e as risadas que provocaram em todos – até poder me banhar no hotel levaram algumas horas...

Muito movimento, aplausos, agonias, intensidades

Mencionei o reconhecimento gostoso que tive com Emílio, pude novamente sentir isso com uma cantora especial, figura humana inesquecível em meu trajeto, Vânia Bastos. À época eu fui contratada por Fred Rossi, lendário empresário do Vinicius e Toquinho, programador do 150 Night Club do Maksoud Plaza, lugar sofisticado de excelente qualidade

musical, com quem trabalhei algum tempo em ótima convivência, para divulgar seu primeiro disco. O resultado foi muito bom, Vânia era e é pessoa séria, comprometida, mas também leve e bem-humorada, ficamos muito próximas.

Pois bem, os anos passaram e eu, já fora do ambiente artístico, graduando-me em Psicologia, soube de seu show no Sesc em Santos – e lá me fui. Cheguei cedo e resolvi procurá-la no camarim – ah, como é bom ser bem recebida! Ela foi tão acolhedora, apresentou-me aos músicos como “a primeira que acreditou em mim” e, mais do que tudo, dedicou-me uma canção durante sua apresentação. Saí de lá com o coração quentinho, quentinho.

Produção, seja executiva ou de direção, foi função bissexta em minha carreira com artistas, embora com passagens interessantes e inusitadas, como no Festival de Música Nova realizado por Fábio Caramuru, produtor e excelente pianista que agrega ecologia aos seus temas musicais, com artistas que faziam uso de atonalidades e instrumentos absolutamente diferentes dos que eu conhecia. Mais uma ligação com o MusiMid: Gilberto Mendes, referência brasileira em música contemporânea. Também me foi particularmente instigante conviver com a genialidade de Jocy de Oliveira, na ópera-fábula *Illud Tempus*; e o evento *Pholianafaria*, em sua primeiríssima edição, com direção de produção do Caio e da Beatriz Messina, foi extraordinário para eu conhecer os blocos de São Paulo, ir à avenida, articular o desfile, nossa, exaustão somada a suor, simpatia e samba no pé.

Mas foi como assessora de imprensa que pude participar de grandes momentos – a vinda, por exemplo, do grupo *The Mamas & The Papas* em tempos que não eram comuns figuras internacionais em nosso país. Obra de Fred Rossi, foi bem engraçado, pois meu inglês era quase inexistente, usávamos a mímica! Eles eram alegres, confiantes, contentes em cantar, foi tudo muito divertido – e pude fazer coro com Scott McKenzie em “San Francisco”!

Foram alguns anos com Fred Rossi, uma década no Vou Vivendo, meses no Ópera Room, além de trabalhos ocasionais no Palace, Palladium, Casa do Choro, Gallery, Teatro Cultura Artística, Teatro do Masp, Memorial da América Latina, além de vários projetos nas unidades do Sesc, principalmente Pompeia, bem como Funarte (São Paulo e Rio de Janeiro). Com isso, pude prestar meus serviços a vários nichos: dos “antigos”, como As Cantoras do Rádio (Carmélia Alves, Ellen de Lima, Rosita Gonzales, Violeta Cavalcanti e Zezé Gonzaga), Braguinha, Herivelto Martins; sambistas como Dona Ivone Lara, Fundo de Quintal, Leci

Sobrenome, Nome. Ano. "Título do Artigo." *Revista Brasileira de Estudos em Música e Mídia* Volume, no. Número da publicação (Mês ou estação se houver): Extensão de páginas do artigo. Fonte Georgia, tamanho 9, itálico, alinhado à esquerda. OBS: O preenchimento deste campo ficará a cargo da equipe editorial.

Brandão, Beth Carvalho; vanguarda, com a citada Vânia Bastos e Eliete Negreiros; MPB, com Gonzaguinha, Leila Pinheiro, Nana Caymmi; compositoras e compositores, como Francis Hime e Joyce, instrumentistas, como Borghettinho, Altamiro Carrilho e Raphael Rabello, foram muitos artistas que divulguei em meus *press-releases* e que lotaram minhas agendas anuais com compromissos para que suas músicas fossem conhecidas, curtidas, propiciassem beleza, enlevo, sensibilidade – e alegria. Até mesmo Clodovil, o estilista-ator-cantor-performer com quem trabalhei como diretora de produção, inclusive em um dos programas de televisão que apresentou, com um show em que cantava repertório sofisticado baseado em jazz em meio a anedotas e histórias engraçadas, em longa temporada no então L'Onorabile Società.

Figura 8 - Referência ao show de Clodovil, sucesso de público e crítica. Na foto, comemoração aos seus 50 anos, em que fiquei ao seu lado recepcionando seus convidados.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Celebração: ter vivido duas décadas em meio à música e à cultura

Eu sempre trabalhei com artistas que despertavam minha admiração e emoção – isso não acontecia com todos os tipos de música: quando a cultura musical brasileira começou a valorizar um gênero musical que não me seduzia, apoiado pelo agronegócio, em pouco tempo encerrei a profissão. Mas algumas dessas verdadeiras estrelas me marcaram como tatuagem, na linda imagem de Chico Buarque (*Tatuagem*, de sua autoria), e o mais notável desses encontros especialíssimos aconteceu com Sueli Costa, há pouco falecida.

Com produção do Michel Domingos, Sueli chegou a São Paulo duas semanas antes da estreia do show, Centro Cultural São Paulo, comumente chamado de “Vergueiro”, para fazermos divulgação. Compositora, seu cantar era sobre sua obra, com uma voz muito especial – ao piano, embora também tocasse violão, não havia música em que não se ouvisse o coro da plateia. “Hoje de manhã eu acordei, olhei pro mundo e me espantei: eu tenho mais de 20 anos” (*Vinte anos blues*, Sueli Costa e Vitor Martins), “A minha alma tem um corpo moreno, nem sempre sereno, nem sempre explosão” (*Alma*, Sueli Costa e Abel Silva), “Quem me vê assim cantando não sabe nada de mim” (*Dentro de mim mora um anjo*, Sueli Costa e Cacaso) – tantas melodias tecidas com delicadeza, força, mostrando a cara de sua verdade, sensibilidade e talento.

Eu tinha os discos de Sueli e tinha feito algo com eles: a partir das letras, tentava imaginar uma solução musical – só depois ia ouvir o jeito que ela tinha criado sua canção. Sempre era um enlevo descobrir seus caminhos musicais. Assim, quando fomos apresentadas, a conexão foi imediata – mineira tímida, sorriso fácil, mas meio enviesado, contido, fala que requeria certo esforço, pois as palavras se enovelavam umas às outras, por vezes de difícil compreensão. Nada: tudo era festa para mim.

Trabalhamos muito: variados programas de rádio e de televisão, entrevistas, ela se agitou. O que é curioso é que eu nunca havia falado para nenhum artista com quem havia trabalhado, inclusive Elizeth, de que um dia havia feito músicas. Depois do *Fala Poesia* ainda tentei outras parcerias, uma delas com Mécia Rodrigues, cheguei a ser uma das dez finalistas no festival de música do tal evento da Ruth Escobar, competindo com a brilhante Rosa Passos, composição minha sobre poema de Ilka Laurito, mas percebi que não tinha vocação para dar conta de uma carreira de compositora, com todas as dificuldades que isso implicava. Eu não queria ser cantora, nem tinha voz para tanto. Já com Sueli eu me expus – e, ao final da jornada, tiveram noites em que ficávamos no quarto de seu hotel, eu tocando uma, ela tocando outra...

Tempos mais tarde, novamente trabalhamos em um show no Vou Vivendo, até fui visitá-la no Rio de Janeiro, onde vivia; raros, mas ótimos encontros. Até chegar o *Facebook* e, com ele, minha solicitação de amizade. Qual não foi meu espanto ao ser aceita imediatamente e, mais do que isso, ser chamada novamente de “Deinha”. Mantivemos contato por mensagem até sua morte, em 2022.

Figura 9 - Sueli Costa após show no bar Vou Vivendo.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Mídia enquanto ponte, música como graça, cura, emoção, sensibilidade

Foram muitos artistas, shows, horas em estúdio ou à cata de soluções para produções complicadas. Por vezes o acesso de gente em início de carreira ou então com nicho de público muito reduzido à imprensa era feito à fórceps, quase. Em outras, convencer o artista já com certo sucesso a participar de entrevistas cansativas, perder horas nos corredores das televisões, responder a perguntas convencionais (sei que necessárias, pois informativas) era tarefa hercúlea!

Mas divulgar a quem se admira, cantar junto, entusiasmar-se em aplaudir, mesmo depois de já ter assistido ao show inúmeras vezes, é muito bom, traz sentido ao que, um dia, afetou nossa sensibilidade – assim foi com Taiguara, cujas músicas gravadas em uma fita K-7 não paravam de ser tocadas durante meu final de adolescência e começo de juventude! “Hoje, trago nas mãos as marcas do meu tempo” (*Hoje*), “Eu desisto, não existe essa manhã que eu perseguia” (*Universo no teu corpo*), “O tempo passa e atravessa as avenidas, o fruto

crece, pesa, enverga o velho pé” (*Que as crianças cantem livres*), com uma voz de uma firmeza suave, marca dos que um dia tiveram em si, cicatrizes.

Também com Gonzaguinha, sujeito calado, quieto, desconfiado, cauteloso para começar a conversar – a rir, então! Mas ficamos tanto juntos, dias, tardes e noites em divulgação acelerada por mais de duas semanas, que a intimidade se fez e passamos a conversar muito – eu, ainda jovem, a comentar de sua rabugice virginiana, sempre a postos para alguma crítica. Eram tempos de Maksoud Plaza e do conforto de um hotel cinco estrelas, o mais famoso de São Paulo, sob batuta de Fred Rossi, almoços e jantares como cortesia do patrocínio, uma beleza!

Eu adorava seu show, embora ele não sacralizasse o palco como Elizeth – ao contrário, usava as mesmas roupas de seu cotidiano, não tinha diretor, era ele e alguns músicos, sem complexidade. Nunca me causou problemas, porém reclamava de ter que apresentar documentos em portarias das emissoras, vinha com um discurso sobre a ditadura e o controle exercido sobre as pessoas e daí por diante. Depois do décimo discurso, aprendi a interrompê-lo com concordâncias absolutas à sua narrativa, meio que o conduzindo para onde deveríamos ir. “E se eu chorar e o sol molhar o meu sorriso, não se espante, cante, que o teu canto é minha força pra cantar” (*Sangrando*), “A chama em meu peito ainda queima, saiba, nada foi em vão” (*Começaria tudo outra vez*), “A gente quer viver pleno direito, a gente quer viver todo respeito, a gente quer viver uma nação” (*É*) – como não me sentir enlevada com tais criações?

Não dá para não ter saudades daquele momento único, em que as luzes da plateia começam a diminuir de intensidade; no palco, ainda em penumbra, os músicos começam a tomar seus lugares e, num átimo, suspensão ínfima, um deles murmura, baixinho, a contagem que inicia a primeira canção. E, tantinho mais tarde, olhar os rostos alegres das pessoas a aplaudirem aqueles momentos que as conduziram para outros horizontes, paisagens, linguagens...

Já há duas décadas meu mundo mudou; ao invés de levar alegria, como psicóloga escuto pessoas e procuro lhes trazer alívio, envolta em sofrimento e consciência humanos – mas sempre trago a abertura de horizontes e a criatividade como elementos fundamentais em meu trabalho, bem como o uso de produtos culturais como ampliação de vida. Já enquanto pesquisadora, busco contribuir para a possibilidade de existência de uma sociedade diversa e inclusa, com temas sobre homoafetividade longeva, meu primeiro

doutorado (Berttran 2018) e, no momento, narrativas de amorosidade de pessoas trans e travestis. Quando ensino ou supervisiono, procuro integrar os rostos que conheci e as histórias que com eles vivenciei como mostra da riqueza da diversidade humana e do quanto se pode viver com liberdade e sem tantas categorias normativas.

Mas a música é minha habitante eterna, está comigo em quase todos os meus momentos. Acordo diariamente com algum trecho musical na cabeça e, por vezes, ele me persegue por todo o dia. Gosto de conhecer produções novas, procuro ampliar meus ouvidos para outras sonoridades e diferentes modos de cantar. Bem como as pontes existentes para fazer toda essa produção atingir sensibilidades.

Muitos dos artistas com os quais trabalhei já deixaram o planeta, mas basta pesquisa simples para encontrar seus dizeres e de como a música os traduziu. Ainda abrem caminhos para que possamos nos arrojar em ritmos, canções, acordes, sonoridades, possibilidades imensas de musicar o mundo. E de vivermos sob seu encantamento!

Referências

- Berttran, Déa E. 2018. Amores invisíveis. Casais longevos da diversidade. São Paulo: Editora de Cultura.
- Costa, Mirian Paglia. 2007. "Apresentação." In BERTTRAN, Déa. Universo de Deus. Uma visão espiritual da humanidade, São Paulo: Lachâtre.
- Fernandes, Aparício, ed. 1978. Anuário de poetas do Brasil, Vol. 3. Rio de Janeiro: Folha Carioca.

DADOS DO AUTOR

Déa Bertran Munhoz (em citação, Déa E. Berttran) psicóloga, docente, pesquisadora e escritora, atua em consultório clínico em atendimentos individual e de casal, além de supervisões clínicas. Doutora e Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, IP-USP; doutoranda em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, integrando o Núcleo de Estudos de Gênero - PAGU. Seu doutorado em Psicologia, com bolsa regular da FAPESP, transformou-se em livro lançado em novembro de 2018, "Amores invisíveis. Casais longevos da diversidade", Editora de Cultura. Anterior à psicologia, exerceu por mais de vinte anos atividades profissionais relacionadas à arte e cultura, como assessora de imprensa, diretora de produção, produtora executiva e diretora de shows, com artistas como Elizeth Cardoso, Francis Hime, Emílio Santiago, Gonzaguinha, Beth Carvalho, entre outros. Atua em temas ligados à diversidade sexual, gênero e feminismos.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.